



A superlotação do Miguel Couto obrigou o hospital a readaptar seu espaço físico e serviços médicos: o setor de emergência foi dividido em dois

Um alerta às autoridades

A superlotação na emergência do Hospital Miguel Couto levou a direção da unidade a solicitar à Secretaria Municipal de Saúde, na semana passada, o aumento da cota mensal de material e de antibióticos. A medida é necessária para suprir a demanda principalmente no setor de Pediatria, por onde passam mais de 6 mil crianças por mês.

O confronto dos números nos últimos cinco anos mostra um crescimento de 73% no atendimento de emergência, 121% no serviço ambulatorial e 94% nas internações. A taxa atual de ocupação na Clínica Médica está 15% acima do que recomenda a Organização Mundial de Saúde (OMS).

“Os indicadores refletem a degradação paulatina dos serviços nas outras redes. As autoridades estadual e federal devem assumir suas responsabilidades”, alerta o diretor do hospital, Paulo Pinheiro. Da média atual de 21 mil atendimentos mensais, 55% dos pacientes não moram na Zona Sul e 68% dos

casos deveriam ser resolvidos em ambulatorios. O gasto mensal do hospital é de R\$ 1,1 milhão, sem contar o pagamento de pessoal. Só de seringas descartáveis são consumidas mais de 73 mil unidades; de luvas, 30 mil; e de agulhas descartáveis, 47 mil.

Por causa da migração de pacientes, o hospital teve que adaptar seu espaço físico e o serviço médico à nova realidade. Em 92, foi criada a pequena emergência, no primeiro andar. A grande emergência, para os casos mais graves, ficou no segundo andar.

Com o aumento da violência, o perfil dos atendimentos também mudou. Foram introduzidas novas especialidades nos plantões, como cirurgia plástica e bucomaxilofacial. Houve um aumento de 106% no número de óbitos mensais, o que indica, segundo Paulo Pinheiro, que as pessoas estão morrendo precocemente por falta de atendimento imediato e, no caso de doenças crônicas, por falta de tratamento ambulatorial.